UNIVERSITÉ PARIS 7 – DENIS DIDEROT
UFR SCIENCES HUMAINES ET CLINIQUES
ET
UNIVERSITÉ DE SÃO PAULO

COTUTELLE INTERNATIONALE DE THESE

DOCTORAT EN RECHERCHES EN PSYCHOPATHOLOGIE ET PSYCHANALYSE - UNIVERSITÉ PARIS 7 – DENIS DIDEROT

DOCTORAT EN PSYCHOLOGIE CLINIQUE – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ANNÉE 2012

LE CORPS DANS L'AUTISME ET DANS LA SCHIZOPHRÉNIE

Par
Marina Bialer

Directeurs de Thèse : Professeur Alain Vanier / Professeur Jussara Falek

JURY

PROF. ALAIN VANIER _____

PROF. JEAN-CLAUDE MALEVAL _____

PROF. JUSSARA FALEK _____

PROF. MARIA ABIGAIL DE SOUZA _____

RESUMO

Bialer, M. (2012). O corpo no autismo e na esquizofrenia. Tese de Doutorado, Université Paris 7 Denis Diderot / Universidade de São Paulo, Paris.

No primeiro capítulo da tese após a introdução, intitulado II, realizo um percurso teórico da imagem do corpo próprio nos escritos e seminários iniciais de Lacan, situando R, S e I - o Real, o Simbólico e o Imaginário - em jogo no ser humano. A conclusão deste capítulo introduz os dois conceitos principais que serão trabalhados na tese: o objeto (a) e o traço unário, considerando o traço unário como um traço do Outro simbólico, um traço de identificação não imaginária mas simbólica e o objeto como o real, não-especular. Aborda-se a importância do seminário "A angústia" de Lacan para a formulação da importância do conceito do traço e de (a) para a compreensão de RSI essencial para a abordagem da esquizofrenia e do autismo. A partir do esquema óptico utilizado por Lacan para abordar a constituição da imagem do corpo no ser humano, assim como a estruturação de RSI a partir da perda de uma parte do corpo próprio, de uma perda de gozo estruturante do ser humano, teço algumas considerações sobre os esquemas ópticos que poderíamos encontrar no caso do autismo e da esquizofrenia, a partir da articulação entre significante e corpo. Á partir dos estudos de M-C Laznik proponho situar o autismo, a partir da falha na impressão da marca do gozo do Outro a qual permite a inscrição do erotismo, à base da construção do narcisismo e do estabelecimento de um Outro no circuito pulsional. O autismo é, então, situado em relação a uma falha da inscrição do Outro primordial impedindo o tempo da inscrição total do Significante do Outro, da alienação no Significante do Outro Simbólico, da marcação pelo Outro, e da posterior Separação, não existente no Autismo. Por outro lado, na Esquizofrenia, situo a inscrição do Outro, do significante do Outro, da marca do Gozo do Outro, mas não há a inscrição da ausência da marca do Outro necessária para sair do lugar de objeto do Gozo do Outro. A partir das formulações de Lacan no seminário "A angústia" sobre a esquizofrenia, do esquizofrênico como aquele que é tomado somente na dimensão do real do seu corpo pelo seu Outro, havendo uma

inscrição de traço inicial da ordem do grito, que devido à prematuridade do humano, necessita de um Outro que lhe atribua a dimensão de apelo, de um chamado ao Outro, o que não ocorre na esquizofrenia, permanecendo o grito fora da dimensão simbólica do estatuto de um apelo ao Outro, assim como todos os órgãos do corpo e a imagem do corpo próprio na esquizofrenia também não terão como recorrer a um discurso estabelecido, à uma articulação significante dada pelo Outro que formularia as funções dos seus órgãos e a unidade do seu corpo.

Nos capítulos III e IV da tese distingo a partir dos conceitos de objeto (a) e de traço unário a clínica do autismo e da esquizofrenia. Analiso a articulação teórica-clínica de diversos psicanalistas que estudam esta clínica, focalizando a compreensão do corpo a partir destes conceitos-chave. É importante ressaltar que há diferentes pontos-de-vista sobre a questão do diagnóstico diferencial do autismo e da esquizofrenia. Achei interessante incluir na tese trabalhos interessantes, com articulações enriquecedoras, apesar de alguns psicanalistas utilizarem critérios diagnósticos diferentes do que proponho nesta tese. Pode-se observar que realizo algumas ressalvas quando a construção diagnóstica é divergente daquela que proponho. No entanto, achei interessante contemplar a diversidade de pontos-de-vista sobre o diagnóstico e tratamento e não excluí-los. Outra decisão tomada foi a de não excluir casos que não se enquadrassem em "quadros clínicos puros", isto é, embora estudemos a clínica da esquizofrenia e do autismo, não é possível excluir, por exemplo, traços de paranóia em esquizofrênicos, assim como não podemos deixar de abordar quadros de crianças muito pequenas nas quais a estrutura ainda não está definida e onde podemos postular uma saída do autismo.

No capítulo III, intitulado "A questão do corpo no autismo à partir dos conceitos de objeto (a) e do traço unário", abordo o manejo clínico de diversos psicanalistas em torno da extração de objeto do circuito autista, respeitando a lógica do circuito de cada autista em sua singularidade, realizado a partir da inclusão inicial do analista no circuito autista e a partir de tal entrada "dócil" realizando intervenções no sentido de auxiliar o autista na estruturação das suas invenções singulares. Vários dos trabalhos colocam em destaque a importância do corpo do analista, e da extração de um objeto do corpo do analista permitindo a inscrição de uma negatividade, em torno da circulação de objetos que coloca em ato o corpo do Outro como suporte para a extração e circulação do

objeto, a partir da inscrição de um buraco no Outro, do Outro faltante encarnado no analista. Abordarei neste capítulo as formulações de psicanalistas que privilegiam no tratamento do autismo, o conceito da localização do gozo na borda como uma modalidade específica do tratamento do gozo pelo autista. Tal localização em uma borda também sendo evidenciado no investimento no campo dos signos, na criação de uma ilha de competência, no investimento de um duplo, e na criação do designado Outro de suplência ou Outro de síntese, constituído de signos, formulação do psicanalista J-C-Maleval sobre um Outro que permite um tratamento do gozo e um possível enodamento não borromeano de RSI dentro de uma estrutura autística, de uma construção de uma inscrição neste Outro de signos, e não em um Outro significante, e de uma relação cindida com o gozo. O Outro de síntese constituído de signos é situado em relação ao referente, em uma relação de parasitismo, sendo distinta por Maleval (2003) tanto do S1 quanto do S2, mas que permite um manejo da linguagem no autista mas com prevalência do signo icônico, em uma relação das palavras que o autista usa diretamente às imagens visuais que foram referentes, a partir dos quais construirá seu pensamento, em uma conexão rígida ao referente. Discuto a possibilidade da construção de uma imagem corporal a partir de um moi ideal, da construção de um espelho como sugerida por Maleval a partir da inscrição de uma perda que o psicanalista equivale a (a). Haveria a possibilidade de constituir assim um moi ideal, mas não um ideal do moi o qual dependeria do traço de um Outro significante, inexistente no autista. Em relação ao objeto (a) discuto como o tratamento pelo objeto, e também como a formulação da possibilidade de localizar o gozo na borda, em objetos, ou no Outro de suplência. Há a possibilidade de uma regulação do gozo pelo imaginário, através do Outro de suplência, pode-se estabelecer diferenciações, que não são da ordem significante exatamente, mas de um significante acoplado à imagem, aos signos. A limitação da construção do Outro de suplência persistiria na impossibilidade do significante, da linguagem ser crochetada de gozo no autismo.

Ainda neste mesmo capítulo abordaremos o tratamento do autismo sugerido por M-C Laznik de autistas pequenos nos quais podemos pensar uma saída do autismo, e uma inscrição no campo do desejo, no campo significante. Laznik (1995 / 2003) sublinha a importância do trabalho sobre o campo do significante do Outro materno, a partir do qual a criança ainda não pôde se inscrever. A psicanalista trabalha o campo da escuta dos significantes da mãe, e dos traços do significante da criança e uma vertente que

poderíamos situar em relação ao objeto (a), o trabalho de instauração de uma separação de uma parte de si própria, à partir da instauração de um corte em relação ao campo do significante do Outro significante, até a formulação da inscrição de um traço unário na criança. Em relação à construção do objeto (a), Laznik ressalta a importância da mise en scène da perda do objeto do Outro encarnado pela analista como alguém que suporta ser faltante, e a partir da falta no Outro, a criança pode viver a própria falta, a própria perda, podendo assumir este ato da perda de uma parte de si mesmo. A analista suportando a sua própria incompletude, uma incompletude formulada inclusive no nível do corpo da analista, permitirá também à mãe se deparar com a sua própria incompletude, e deste modo, tolerar a separação da criança de uma parte de si própria. Na transferência, a partir do trabalho da inscrição da perda, da criança como objeto (a), na transferência ao analista no lugar do Outro encarnado podendo se situar como aquele que tentar sustentar a criança para que ela saia da identificação ao lugar do objeto (a) caído, inscrevendo-se pelo corte uma estrutura de borda, havendo um percurso entre sair da posição de objeto (a), para a posição de causa do desejo de um outro. Mas a psicanalista designa com pertinência que há casos de crianças pequenas com traços autísticos, em que é possível intervir e realizar uma estruturação fora do autismo, o que a autora designa como pós-autismo.

No capítulo IV, abordamos em vários casos clínicos o conceito de objeto (a) na esquizofrenia, e o conceito de sinthoma como uma possibilidade de nó do RSI na esquizofrenia, especificando a importância dada ao conceito da letra, do trabalho sobre a materialidade da letra como uma solução possível na esquizofrenia para dar bordas ao gozo ilimitado, numa forma singular de ancoragem da sua economia de gozo. Abordamos a construção pela via da inscrição de uma perda no real do corpo do Outro, na construção de um objeto suplementar no qual se enquadra o gozo
A partir das formulações de Holvoet (2008) aborda-se a questão de como pensar uma negativação de um gozo em excesso na esquizofrenia, considerando-se que na esquizofrenia, a linguagem tem um efeito real sobre o corpo. A questão de como se criar um menos com o real, de como fazer entrar o menos no real é a questão muito pertinente levantada pelo psicanalista – questão muito presente no dia-a-dia da nossa clínica com os esquizofrênicos. Holvoet sublinha as tentativas de inscrição de uma perda real principalmente em relação ao corpo próprio, onde sugiro podermos situar a questão da extração do objeto (a). Vários psicanalistas comentam a importância do

corpo do analista no tratamento da psicose, especificando a importância de ser um corpo marcado pelo desejo, marcado pela falta. A vivência de dispersão do corpo na esquizofrenia, em relação à ausência do recurso a um discurso estabelecido, o que pode ser suplantado por uma construção singular de um nó entre RSI. A esquizofrenia coloca em evidência uma incidência direta da linguagem sobre o corpo daí a importância que se deve ter no trabalho com a esquizofrenia para quem o que se fala é tomado como real, e também entender a importância da escuta ao pé da letra do que se é falado. A criação de um sinthome pode ser uma solução ao esquizofrênico para realizar então o nó RSI. A importância do trabalho sobre a letra na esquizofrenia é descrito nos casos clínicos descritos assim como nas análises evidenciadas pelo trabalho de escrita de Walser.

No capítulo V, abordo a prevalência da letra na esquizofrenia, dada a importância do investimento da dimensão da letra permitir uma localização do gozo e, eventualmente, a criação de um vazio estruturante, a partir do qual o esquizofrênico pode organizar os seus traços, da ordem do grito, os Sxs, e os seus modos de gozo. Em relação ao autismo, enfatizo a prevalência do signo, a localização do gozo se dando privilegiadamente pela manutenção de um gozo vivido o máximo possível como cortado do corpo próprio.

Palavras-chave: autismo – esquizofrênia - traço unário - objeto (a) – signo – letra - gozo.

SOMMAIRE

I. Introduction. p.14
II. Remarques sur le corps à partir des travaux de Lacan : de l'image du corps propre à l'objet (a) hors miroir. p.23
III. Articulations sur le corps dans l'autisme à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire. p.64
1. Le maniement de l'objet et l'investissement sur le bord articulés à l'économie de la jouissance et le rapport au corps propre. p.64
2. Le travail sur l'objet et sur les traits avec les petits autistes. p.100
3. La prévalence du signe chez l'autiste. p.124
IV. Articulations sur le corps dans la schizophrénie à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire. p.150
1. Le travail sur la jouissance et le bricolage d'un corps. p.150
2. Lalangue et le corps dans la schizophrénie. p.165
V. Le corps et la lettre. p.174
1. Du vide aux traits. p.175
2. Le trait et la lettre dans la schizophrénie. p.213
3. Le trait et la lettre dans l'autisme. p.248
VI. Conclusion. p.265
VII. Bibliographie. p.269

I. INTRODUCTION

Cette thèse a surgi des questions théoriques et cliniques suscitées dans le quotidien du traitement des schizophrènes et des autistes.

L'abordage initial des psychanalystes se référant aux études de Lacan et de Freud a privilégié la conceptualisation de la psychose, comme la forclusion du Nom-du-Père, la clinique de la paranoïa en étant approfondie. Le parcours de Lacan favorisant de plus en plus les concepts de Réel et de Jouissance a entraîné une prééminence des observations sur la schizophrénie et l'autisme dans les travaux lacaniens, bien que l'abordage de ces structures n'ait pas été aussi systématisée que la paranoïa l'avait été.

Lors des premiers séminaires et écrits de Lacan, l'abordage initial de la constitution de l'image du corps propre et du moi donne d'importantes indications sur les perturbations dans l'autisme et la schizophrénie, qui ont été avantageusement revisitées par divers psychanalystes à partir des élaborations postérieures de Lacan. L'étude de ces perturbations à l'étape antérieure au stade du miroir, prenant en considération les nuances de ces structurations et des effets au niveau du corps de ces altérations, est précieuse dans le cadre de ces deux pathologies.

Ceci étant, cette thèse prend justement comme point de départ les formulations initiales de Lacan sur l'image du corps propre abordant le point de mutation des élaborations de cette conceptualisation du séminaire L'angoisse, dans lequel Lacan élabore le stade du miroir à partir des deux concepts-clé de cette thèse: l'objet (a) et le trait unaire. L'importance décisive de ces concepts fournit les éléments de base pour un diagnostic différentiel entre l'autisme et la schizophrénie, établissant diverses stratégies de traitement.

Le choix de séparation diagnostique des structures de l'autisme et de la schizophrénie repose sur mon expérience clinique, ainsi que sur les travaux contemporains de psychanalystes qui étudient ce champ, les diverses études dans le domaine de la psychanalyse qui s'y dédient, dont certaines ont été le bain de langage de cette thèse. Celle-ci se propose de faire une analyse minutieuse des concepts de l'objet (a) et du

trait, à partir de plusieurs études de la littérature psychanalytique permettant une orientation distincte du traitement des spécificités de ces structures.

Dans le champ psychanalytique, fondé sur les contributions lacaniennes, certains auteurs comme Laurent, Zenoni et Stevens rapprochent la schizophrénie de l'autisme, d'autres, tels que Rosine et Robert Lefort, les distinguent l'un de l'autre, désignant l'autisme comme une quatrième structure, d'autres encore privilégient celui-ci comme une a-structure. Dans cette thèse sont proposées des différences structurales entre autisme et schizophrénie importantes à relever pour le traitement.

L'autiste n'ayant pas incorporé la marque de l'Eros de l'Autre est très souvent décrit comme un corps amorphe. Le corps n'est pas mordu par la pulsion. Dans l'autisme ce qui s'observe est l'altération entre un état automate et un état dynamique lorsque l'autiste accouple à son corps un objet/bord, un autre/double à partir duquel il acquiert un dynamisme libidinal, sans incorporer, toutefois, la jouissance de l'Autre dans les circuits. Nous divergeons de divers abordages de l'autisme, selon lesquels le rapport de l'autiste à l'objet, à son double et à l'analyste serait une relation intrinsèquement de destructivité et on corrobore avec les études des psychanalystes Perrin et Maleval sur les effets bénéfiques de la relation de l'autiste à un objet/double à partir duquel il peut gagner un dynamisme libidinal, localisant la jouissance dans le bord de cet autre, l'analyste pouvant se situer comme un partenaire dans ce travail de traitement de la jouissance. Il est intéressant de noter l'observation commune des psychanalystes qui travaillent avec les autistes sur l'importance de s'adresser à eux de façon à ne pas présentifier son objet voix et le regard, effaçant autant que possible la dimension jouissante du langage, ce qui souligne aussi une manière pour l'analyste de pouvoir se présentifier dans le traitement. La plupart des psychanalystes mentionnent l'importance pour celui qui travaille avec un autiste d'enraciner sa place d'analyste marquée par le désir et le manque au niveau du corps propre. Un traitement respectant les formes particulières de l'autisme permet à l'autiste de traiter sa jouissance ; l'analyste, pouvant occuper dans le transfert une place de partenaire, peut aider l'autiste à établir les altérations de son économie de jouissance.

Dans la schizophrénie, Lacan a souligné les perturbations du corps, compte tenu que pour le schizophrène, la fonction de chaque organe lui pose problème. Le schizophrène

peut travailler sa dispersion du corps, une eventuelle fragmentation de son image corporelle, par la lettre, par la fixation de la jouissance dans la lettre permettant la construction d'un nouage de RSI à partir d'un sinthome, d'une construction de ses traits – les traits de ses cris primordiaux articulés aux traits de sa jouissance – en une construction qui permet un "tissage" du corps, de la construction d'un corps bordé de lettres qui fixent la jouissance, auparavant dispersée dans le corps, en une écriture corporelle. Le schizophrène, lui, peut travailler la dispersion du corps, de la jouissance du corps, par la lettre, par la matérialité de la lettre. Une des solutions pour le schizophrène est l'attaque de la langue maternelle, soit en la fragmentant, soit par l'ironie envers l'Autre; l'autre solution est de tenter de créer une négativité du réel. La tentative de négativation par la lettre, la tentative de travailler la lettre peut établir une localisation de la jouissance dispersée chez le schizophrène chez qui la jouissance revient dans le propre corps. Le travail sur la lettre est une tentative pour le schizophrène de faire en sorte que la langue morde le corps, ce qui peut avoir lieu par un travail de bordage des lettres au corps. À la place du discours qui étiquette les organes, le schizophrène peut utiliser des lettres, la matérialité de la lettre, comme distincte du signifiant.

La clinique de l'Autisme et de la Schizophrénie est d'une extrême richesse et le propos de la thèse est d'aborder spécifiquement la question du corps dans ces structures.

Le premier chapitre de la thèse, intitulé « Remarques sur le corps à partir des travaux de Lacan : de l'image du corps propre à l'objet (a) hors miroir », retrace un parcours théorique de l'image du corps propre dans les écrits et les séminaires initiaux de Lacan, situant R, S et I - Réel, Symbolique et Imaginaire – en jeu dans l'être humain. La conclusion de ce chapitre introduit les deux concepts principaux qui seront travaillés dans la thèse: l'objet (a) et le trait unaire, considérant le trait unaire comme un trait de l'Autre symbolique, un trait d'identification non imaginaire mais symbolique et l'objet en tant que réel, non spéculaire. A cet effet est abordée l'importance du séminaire "L'angoisse" de Lacan concernant le concept du trait et de l'objet (a). Les schémas optiques y sont utilisés pour éclairer la constitution de l'image du corps dans l'être humain, ainsi que la structuration RSI autour de la perte d'une partie du corps propre, de la perte de jouissance structurante de l'être humain. J'émets alors quelques hypothèses sur ces schémas qui pourraient s'appliquer dans le cas de l'autisme et de la

schizophrénie, à partir de l'articulation entre signifiant et corps. A la lumière des études de M-C Laznik, je propose de situer l'autisme, à partir de l'absence d'incorporation de la marque de la jouissance de l'Autre, laquelle permet l'inscription de l'érotisme à la base de la construction du narcissisme et de l'établissement d'un Autre dans le circuit pulsionnel. L'autisme est alors situé par rapport à un défaut d'inscription pleine de l'Autre primordial empêchant l'incorporation du signifiant de l'Autre, de l'aliénation du signifiant de l'Autre symbolique, de la morsure par l'Autre, et de la séparation postérieure qui n'existe pas dans l'autisme. D'autre part, dans la schizophrénie, je situe l'inscription de l'Autre, du signifiant de l'Autre, de la marque de la Jouissance de l'Autre, même s'il n'y a pas inscription de l'absence de la marque de l'Autre.

Le schizophrène, celui qui n'est vu que dans la dimension du réel de son corps par son Autre, a une inscription du trait initial de l'ordre du cri, lequel, compte tenu de la prématurité de l'humain, a besoin d'un Autre qui lui attribue la dimension d'appel, d'un appel à l'Autre. Ce qui n'a pas lieu dans la schizophrénie, le cri demeurant hors de la dimension symbolique du statut d'un appel à l'Autre. Les organes du corps chez le schizophrène n'aura pas, non plus, la possibilité de recourir à un discours établi, à une articulation signifiante donnée par l'Autre qui lui donnerait les fonctions de ses organes et une unité imaginaire de son corps donnée par l'image du corps en rapport à l'autre et à l'Autre.

Dans les chapitres III et IV de la thèse, à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire, je distingue la clinique de l'autisme et de la schizophrénie. J'analyse l'articulation théorico-clinique de plusieurs psychanalystes qui focalise la compréhension du corps à partir de ces concepts clés. J'ai choisi d'aborder quelques cas qui n'appartiennent pas à des "cadres cliniques purs", autrement dit, bien que nous étudiions la clinique de la schizophrénie et de l'autisme, il n'est pas possible de négliger, par exemple, chez certains schizophrènes, les traits de paranoïa. Autre décision prise, aborder les cas de petits enfants chez qui la structure n'est pas encore définie en laissant conjecturer une nouvelle structuration chez des enfants ayant des traits autistiques.

Dans le chapitre III, intitulé "La question du corps dans l'autisme à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire", j'aborde le maniement clinique de divers

psychanalystes autour de l'extraction d'un objet du circuit autiste, respectant la logique du circuit de chaque autiste dans sa singularité, réalisé à partir de l'inclusion initiale de l'analyste dans le circuit autiste et à partir de cette entrée "docile" réalisant des interventions afin d'aider l'autiste à structurer ses inventions singulières. Plusieurs travaux mettent en évidence l'importance du corps de l'analyste. L'extraction d'un objet du corps de l'analyste peut permettre d'inscrire une négativité autour de la circulation d'objets qui met en acte le corps de l'Autre comme support pour l'extraction et la circulation de l'objet, à partir de l'inscription d'un trou dans l'Autre, de l'Autre manquant incarné par l'analyste. J'aborderai dans ce chapitre les formulations de psychanalystes qui privilégient dans le traitement de l'autisme, le concept de la localisation de la jouissance au bord d'un objet supplémentaire comme une modalité spécifique du traitement de la jouissance par l'autiste. Cette localisation sur un bord est également mise en évidence par l'investissement dans le champ des signes, la création d'un îlot de compétence, l'investissement d'un double et la création de l'Autre de suppléance ou Autre de synthèse, constitué de signes. Ces stratégies peuvent permettre le traitement de la jouissance jusqu'à un possible nœud non borroméen de RSI dans une structure autiste. Il s'agit de la construction d'une inscription dans cet Autre de signes, et non dans un Autre signifiant, et de la relation scindée avec la jouissance. L'Autre de synthèse, constitué de signes distincts tant du S1 que du S2, est situé dans une relation de parasitisme au référent, mais qui permet une assimilation du langage chez l'autiste reposant sur la prééminence du signe iconique. Je discute la construction possible d'une image corporelle à partir d'un moi idéal, la construction d'un miroir comme Maleval l'a suggérée à partir d'une perte de jouissance que le psychanalyste fait équivaloir à l'objet (a). Selon Maleval, il y aurait un moyen de constituer ainsi un moi idéal, mais pas un idéal du moi, lequel dépendrait du trait d'un Autre signifiant, inexistant chez l'autiste. Par rapport à l'objet (a), je note comment le traitement par l'objet localisant la jouissance au bord, dans les objets, ou chez l'Autre de suppléance, permettrait une régulation de la jouissance par l'imaginaire et l'Autre de suppléance constitué de signes. La limitation de la construction de l'Autre de signes persisterait dans un corps coupé de la jouissance dans l'autisme. Le psychanalyste J-C Maleval suggère une construction, où il distingue différentes phases du miroir comme une possibilité d'habiter le corps propre pour l'autiste. Il s'agirait de miroirs réels et non virtuels qui, à la fin du parcours, aboutirait à la perte d'un objet vécu comme faisant partie de lui-même. Il ne se limite pas à la construction de l'Autre de synthèse, mais à l'inscription de la perte dans le

corps (une perte contrôlée dans le cas de l'autiste), d'une perte de quelque chose qui lui appartient, qui permet une nouvelle appropriation de l'image de lui-même, à partir de l'inscription d'un point d'opacité, similaire à l'espace blanc de l'objet (a) dans le miroir. Il ne s'agit pas, selon Maleval, de l'établissement d'un idéal du moi, impossible pour l'autiste, d'une identification symbolique à un trait de l'Autre, mais de l'instauration d'une perte à partir d'une perte réelle qui permet d'établir ce que l'auteur désigne le troisième miroir, celui qui permet la structuration d'un moi narcissique chez l'autiste. Il ne s'agit donc pas, de l'accès à une image virtuelle, impossible dans l'autisme, qui nécessite de l'incorporation de l'Autre symbolique du miroir inexistant dans l'autisme, mais de la perte d'une partie du corps propre équivalant à la perte de l'objet (a) permettant la construction du corps propre comme une unité. Autre point à souligner, dans l'autisme, il s'agit de constructions reposant sur le maintien d'une scission de l'autiste par rapport au champ de la jouissance, d'une scission de la jouissance par rapport au corps.

Dans ce même chapitre sont abordés les traitements de l'autisme de tous petits enfants, réalisés par la psychanalyste M-C Laznik. Celle-ci souligne l'importance du travail sur le champ du signifiant de l'Autre maternel ainsi que sur celui de l'écoute des signifiants de la mère et des traits du signifiant de l'enfant. L'écoute du signifiant maternel, la scansion du champ signifiant maternel au travers de consultations conjointes des parents avec l'enfant autiste s'est révélée un axe de travail important sur le champ signifiant, où l'enfant est baigné, permettant l'inscription d'une aliénation pour mener ensuite au travail de séparation. Le travail de séparation se faisant à partir de l'inscription d'un moins au niveau du corps ; dans la mise en acte de ce travail, l'axe d'inscription d'un moins au niveau du corps propre de l'analyste, incarnant l'Autre dans la séance. Autre axe du traitement, celui autour de la séparation, par rapport à l'inscription de l'objet (a), à partir de l'instauration d'une séparation de l'enfant d'une part de lui-même et d'une coupure par rapport au champ de l'Autre signifiant et de la construction de l'objet (a). Dans ce sens, Laznik met en avant la mise en scène de la perte de l'objet de l'Autre incarné par l'analyste comme quelqu'un qui peut être manquant, et à partir du manque dans l'Autre, l'enfant peut vivre son propre manque, la propre perte d'une partie de lui-même. L'analyste incarnant sa propre incomplétude, incomplétude formulée y compris au niveau du corps de l'analyste, permettra à la mère de faire face à sa propre incomplétude et à accepter ainsi la perte de la séparation. Lors du transfert, à partir du

travail de l'inscription de la perte de l'enfant comme objet (a), l'analyste à la place de l'Autre incarné peut se situer comme celui qui tente de sustenter l'enfant pour qu'il sorte de la place de l'objet (a) en tant que chu, s'inscrivant par la coupure d'une structure de bord. Il existe un parcours entre la sortie de la position d'objet (a) chu et celle de la cause du désir de l'Autre, où il s'agit d'une nouvelle structuration chez des enfants très petits, qui n'avaient pas encore de structure établie.

Par rapport aux autistes, à la structure de l'autisme, on travaille la prévalence du signe, qui, contrairement à la lettre, ne s'inscrit pas sur le corps. On formule l'existence de stratégies autistiques comme des tentatives de faire avec les signifiants et la jouissance, à partir d'un rapport singulier au langage, n'ayant pas d'accès au chiffrage de la jouissance par lalangue, du fait de la non incorporation de l'Autre primordial mais de son assimilation, dont l'une des conséquences est la prévalence des signes, distincts du signifiant et de la lettre.

Au chapitre IV, intitulé « La question du corps dans la schizophrénie à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire », nous abordons au travers de plusieurs cas cliniques le concept d'objet (a) et le concept de sinthome comme une possibilité de nœud de RSI dans la schizophrénie, en spécifiant l'importance donnée au concept de la lettre, du travail sur la matérialité de la lettre comme solution possible dans la schizophrénie pour donner des bords à la jouissance illimitée, un ancrage singulier de l'économie de jouissance. Nous abordons, également, la voie de l'inscription d'une perte dans le réel du corps de l'Autre et la construction d'un objet supplémentaire dans lequel s'encadre la jouissance. À partir des formulations d'Holvoet, nous mettons en avant la manière de penser la négativation d'une jouissance en excès dans la schizophrénie. Faire entrer un moins dans du réel est une question pertinente soulevée par le psychanalyste, présente dans le quotidien de notre clinique avec les schizophrènes. Holvoet souligne les tentatives d'inscription d'une perte réelle, principalement par rapport au corps propre, où il suggère que nous pouvons situer la question de l'extraction de l'objet (a). Plusieurs psychanalystes mentionnent l'importance du corps de l'analyste dans le traitement de la psychose, la nécessité d'avoir un corps marqué par le désir, par le manque. Nous remarquons le vécu de dispersion du corps dans la schizophrénie, par rapport à l'absence du recours à un discours établi, ce qui peut être supplanté par la construction singulière d'un nœud entre

R-S-I. La schizophrénie met en lumière l'incidence directe du langage sur le corps, d'où le soin à apporter dans le travail avec le schizophrène qui prend ce qui est dit comme réel, et à mettre l'accent sur l'écoute littérale de ce qui est dit.

La création d'un sinthome peut permettre au schizophrène de réaliser le nœud RSI. L'intérêt du travail sur la lettre dans la schizophrénie est décrit dans les cas cliniques, ainsi que dans les analyses ressortant du travail d'écrit. Il existe une possibilité pour le schizophrène de travailler la dispersion du corps par la lettre. Le schizophrène face au réel sans recours à aucun discours, les organes dispersés dont la fonction ne pourrait être donnée que par un discours qui implique un enchaînement signifiant inexistant dans la schizophrénie. Ne pouvant recourir au semblant, aux discours, le réel est extrêmement lourd pour le schizophrène. L'une des solutions est d'attaquer la langue maternelle, que ce soit de manière fragmentée, ou par l'ironie vis-à-vis de l'Autre ; autre solution, la tentative de créer une négativité dans le réel qui peut établir une localisation de la jouissance, dispersée chez le schizophrène dont le moi peut être fragmenté, l'image du corps aussi, et que cette jouissance revienne dans le corps propre ou dans l'Autre fragmenté.

Les mots ayant une incidence directe sur le corps, le travail sur la lettre est une tentative pour le schizophrène que la langue morde le corps, ce qui peut être fait en bordant les lettres au corps. En lieu et place du discours établi qui étiquette les organes, le schizophrène peut utiliser les lettres, la matérialité de la lettre, distincte du signifiant, pour étiquetter les organes. Il s'agit d'un travail de hors-sens, sur la base d'une construction du sinthome, une solution de construction qui englobe à la fois le concept de l'objet (a) – de la jouissance – et le concept du trait – des signifiants Sxs.

Au chapitre V, nous travaillons le parcours de la Chose à l'inscription des traits où peut se situer la création dans la schizophrénie, des scansions nécessaires pour qu'il soit possible de tisser l'existence du sujet et un nouage de RSI. Nous abordons la question de l'inscription du Un et du parcours élaboré pour formuler l'inscription du Un et la répétition du Un par rapport à l'inscription du reste, l'objet (a) qui surgit de la double coupure et permet un nouage RSI. Nous abordons, aussi, à partir du concept de la lettre, la matérialité de la lettre en tant que modalité du travail de lalangue dans la schizophrénie, du travail sur les S1s ou Sxs comme je préfère les désigner, comme un

corps marqué par lalangue. Dans ce sens, nous faisons quelques commentaires sur les formulations de Lacan se rapportant à Joyce, la construction de son sinthome, lequel, à partir de la lettre, de son identification à son sinthome en tant qu'homme de lettres, a réussi à établir une consistance de ses morceaux de réel auparavant dispersés. Nous utilisons l'analyse, réalisée par Quinet, de Bispo de Rosário, schizophrène aux traits paranoïaques, dont le travail d'alignement des lettres dans son art, dans son corps créé, sera mis en évidence comme une façon de concevoir un sinthome. Nous abordons, également, l'œuvre de l'écrivain Walser par rapport à son travail sur la lettre.

Pour conclure le chapitre, on aborde, dans l'autisme, l'absence de l'aliénation pleine au signifiant primordiale de l'Autre. La non incorporation de S1, mais son assimilation, caractérise, alors, le rapport de l'autiste au langage. Il en découle une coupure entre le signifiant et la jouissance. On abordera deux voies distinctes dans le traitement de l'autiste: celle suggérée par Laurent, qui privilégie le concept de la lettre, et celle de Maleval, privilégiant le concept du signe, comme distinct de la lettre.

VI. CONCLUSION.

La construction de cette thèse a modifié l'hypothèse que j'avais, tout d'abord, tissée, sur l'autisme en le considérant à partir de la formulation de So//a pour désigner la prévalence du signe et de la coupure de la jouissance du corps. Or, dans la construction de la thèse, la formulation de S1//a me paraît plus juste pour caractériser l'autisme, caractérisant l'assimilation de l'Autre, et sa non incorporation. Dans la schizophrénie, la formule que l'on suggère est celle d'une construction sinthomatique possible du type S1+a, ou plus exactement Sx+a.

L'absence de branchement du langage sur le corps comme instrument de jouissance étant notable dans l'autisme, l'absence de l'investissement du babil chez l'autiste, le manque du manque de l'inscription d'une jouissance de l'Autre primordial, d'une première aliénation à l'Autre, et de la non quête de cette jouissance de l'Autre dans son circuit de plaisir sont les conséquences de la non incorporation du signifiant S1 de l'Autre. L'autiste n'ayant pas incorporé le signifiant de l'Autre dans son corps, les signifiants de l'Autre ne sont pas marqués comme littoraux dans son corps, comme des lettres. Tandis que dans la lettre, il s'agit d'un crochetage de la jouissance dans le corps, chez l'autiste, la jouissance a tendance a être vécue comme coupée du corps, d'où sa tendance à un investissement de signes et non de signifiants qui impliqueraient une imbrication à la jouissance.

Il existe, chez l'autiste, un évitement marquant de la jouissance, mais il est possible, à partir d'un investissement sur le bord, par la création d'un objet externe supplémentaire, d'un autre/double, d'un îlot de compétence, d'un Autre de signes, que s'établisse une nouvelle économie de sa jouissance. Il y a, cependant, la persévérance d'une scission de la jouissance en tant que vécu comme jouissance du corps. À partir de la localisation d'une partie de la jouissance hors corps, dans un bord et à partir d'un travail de perte imaginaire de la jouissance, l'autiste peut localiser la jouissance et structurer son image du corps.

Les travaux des psychanalystes M. Perrin et J-C. Maleval ont signalé la possibilité d'une suppléance dans la structure de l'autisme, à partir de la construction d'un Autre de suppléance constitué de signes, comme une solution autistique possible pour faire face à la non incorporation du signifiant chez l'autiste. Il s'agit d'un Autre de suppléance, à partir duquel l'autiste peut se situer. L'Autre de signes, ainsi que d'autres investissements de la jouissance sur le bord – d'un objet autistique, d'un double, d'un îlot de compétence – permettraient un cadrage de la jouissance qui ne serait plus aussi coupée du corps chez l'autiste. La plupart des psychanalystes dont le travail a été abordé dans la thèse signalent l'importance du travail sur une perte imaginaire de la jouissance, l'inscription d'un moins au niveau du corps propre, produisant un changement de l'économie de la jouissance chez l'autiste.

Selon les travaux de Laurent et Holvoet, chez l'autiste, la lettre peut permettre une localisation de la jouissance dans la matérialité de la lettre, la lettre et l'écriture peuvent barrer la jouissance, tandis que chez Maleval, il y un axe du signe privilégié, dans ce qui serait un langage scindé de la jouissance en alternance à une localisation possible de la jouissance à partir de l'investissement sur les bords. Si la lettre fait bord sur le corps, fait littoraux, le signe ne le fait pas. Par l'investissement sur les bords, il est possible de cadrer la jouissance, sans la chiffrer. Maleval formule l'Autre de suppléance, l'Autre constitué de signes permettant à l'autiste de se représenter face aux signes de cet Autre qui constitue une chaîne associée à des images, à l'iconique. Or, selon Maleval, à cause de la non incorporation de l'aliénation signifiante, précisée par Laznik comme la non incorporation du trait de la jouissance de l'Autre primordial, il y a le manque de crochetage de la jouissance au corps chez l'autiste.

Dans la schizophrénie, par contre, il existe la présence du cri, du trait initial, ayant une inscription de l'Autre, de la jouissance de l'Autre. Alors que dans la paranoïa, nous pouvons parler d'un trait unaire S1 et d'une jouissance localisée dans l'Autre, il y a dans la schizophrénie ce que nous proposons d'appeler Sx. Le cri est écouté mais pris comme réel, non comme un appel à l'Autre. Le schizophrène met en évidence dans la dispersion du corps, le fait que les organes de l'être humain dépendent de l'étiquetage d'un discours ou de quelque chose qui détermine leurs fonctions. Dans le cas contraire, le symbolique ne mord pas le réel et le sujet reste soumis à une jouissance dispersée. Il existe plusieurs modalités pour que les schizophrènes construisent des solutions

singulières avec leurs bouts de réel. La négativation réelle abordée à partir des études cliniques du psychanalyste Holvoet mettent en évidence l'effort schizophrénique d'inscription au niveau du corps d'un moins, dans la tentative d'inscrire un enforme de l'objet (a), un "tentant lieu du moins". La construction d'un objet peut permettre la localisation de la jouissance hors du corps, permettant à celui-ci de prendre consistance à partir de l'extraction d'une partie de la jouissance illimitée.

Le travail sur la lettre est privilégié dans la thèse en tant que voie de localisation possible de la jouissance dans la schizophrénie, permettant la construction d'un corps de lettres à l'origine d'une possible consistance du corps à partir d'un nouage RSI. Le traitement de la jouissance par la lettre rend possible la "fixion" de la jouissance, à partir d'un travail sur les S1 découplés ou Sxs, comme un travail hors-sens, comme une solution possible dans la schizophrénie, désignant le sinthome comme S1+a ou Sx+a.

Le schizophrène n'a pas recours à une inflation de l'imaginaire, mais sa carence d'investissement narcissique peut être supplantée par un sinthome, comme l'œuvre joycienne le met en évidence, permettant la construction d'un ego non narcissique, la consistance à partir des lettres de son œuvre. Il importe de souligner que la nouvelle formulation de l'imaginaire à partir de sa consistance, du nœud, permet la conception d'un nouage de RSI, la construction d'un sinthome qui fasse tenir ensemble RSI. Il serait possible de construire une manière de faire avec les défauts de l'imaginaire narcissique, de l'image du corps propre et du moi. Il y aurait la possibilité d'un nouage en utilisant la matérialité de la lettre comme tissu du corps, en utilisant quelque chose qui pourrait être utilisée pour donner de la consistance. On peut alors suppléer par la consistance du nœud le défaut de l'imaginaire, et on peut suppléer par la lettre le défaut du branchement d'un discours qui pourrait mordre le corps, notamment dans la schizophrénie.

On peut opposer un travail chez l'autiste pour maintenir à part la jouissance, tandis que dans la schizophrénie, il y a un effort de brancher la répétition des S1 en constituant un discours, dans un discours ancré dans la matérialité de la lettre, permettant l'ancrage du corps. Il s'agit de faire un corps de lettres, une incarnation du sinthome, le sinthome en-corps, permettant une construction avec des bouts de réel.

On peut formuler l'effort autiste dans le même sens que les premières formulations lacaniennes de penser un signifiant coupé de la jouissance, et l'enseignement autiste que ce signifiant coupé de la jouissance est, en effet, un signifiant So, tandis que la clinique des schizophrènes nous a appris que le signifiant est toujours en rapport étroit avec la jouissance.

VII BIBLIOGRAPHIE.

Baio, V., Bergovoy, D., Borie, J., Cartéron, C., Cottes, J-F., Georges-Lambrichs, N., Hallet, J., Lacadée, P., Maracci, D., Mariage, V., Méndélenko-Karsz, M., Michaux G., Rabanel, J-R., Rouillon, J-P. & Stevens, A. (2000a). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 63-72.

Baio, V., Damave, M., Dewachter, F., Egge, M., Gerard, D., Glorieux, M-A., Gosset, P-Y., Kusnierek, M., Peckel, B., Stasse, P., Strevler, E. & Toy, M. (2000b). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 261-268.

Bernardino, L. M. F. (1999). O que uma analista e um autista podem aprender com Hamlet. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas,* 4 (7), 18-29.

Biondi, L., Caroz, G., Duquesne, B., Halleux, B., Holvoet, H., Lejuste, P., Michaux, G. Molinari, S., Robert, V., Vanderputten, G. & Zenoni, A. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 183-194.

Borgnis-Desborders, E. (2009). Autisme, transfert et inventions subjectives : deux cas. In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 101-114). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Borie, J. (2003). Temps éternel ou temps maniable. *Les Feuillets du Courtil*, Hors série, 217-222.

Borie, J., Dumay, A., Forlodou, L., Geets, B., Georges-Lambrichs, N ; Haarscher, D., Hellebois, P., Huvelle, F., Lysy-Stevens, A., Seynhaeve, B., Stevens, A., Tanguy, J. & Vincent, N. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 225-230.

Bosquin, P., Boussagol, B., Collier, A., Damase, H., Hardy, I., Landaburu, B., Laurent, E., Naveau, L. & Parchliniak, C. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 101-110.

Bouillot, P., Durand, V., Cartéron, C., Fellonneau, S., Fressy-Meunier, M-L., Lacadée, P., Marrazzo, R., Nicotra, V., Rassis, M. & Rouillon, J-P. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 137-148.

Braurer, J. F. (2003). *Ensaios sobre a clínica dos distúrbios graves na infância.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Brice, A. (2008). Autisme et machine: d'un monde de l'à-peu-près à un univers de la précision. In Bonnat, J-L.(org.). *Autisme et psychose. Machine autistique et délire machinique. Clinique différentielle des psychoses* (pp. 41-44). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Cabassu, G. (1993). La poupée sans visage. Autisme et regard. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 73-90). Paris: Point Hors Ligne.

Cacciali, P. & Froissart, J. (2006). Interview de Marie-Christine Laznik. *Journal Français de Psychiatrie,* 55, 45-51.

Cottes. J.F., Héraud, M., Maleval, J-C., Rabanel, J. R., & Rouillon, J. P. (2011). La conversation de Clermont: enjeux d'un débat. *La cause freudienne, 78*, 109-114.

Czermak, M. (2009a). O discurso liga os órgãos em função. In Czermak, M. & Tyszler, J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia* (P. Glenadel, trad.) (pp.15-26). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Czermak, M. (2009b). Oralidade e mania. In Czermak, M. & Tyszler, J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia* (P. Glenadel, trad.) (pp. 59-66). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Czermak, M., Hergott, S. & Tyszler, J-J. (2009). Observações sobre situações de desespecificação pulsional em sua relação com as funções na psicose. In Czermak, M. & Tyszler, J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia* (P. Glenadel, trad.) (pp. 27-46). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Coeckelenbergh, J. & Hennau, P. (2000). Deux modes d'appareillage de la jouissance. *Les Feuillets du Courtil, 18/19,* 203-207.

Damase, H. (2000). Un point d'ancrage dans le désir. *Les Feuillets du Courtil, 18/19*, 91-95.

Damave, M. & Hosselet, V. (2000). Où se situe le caprice ? *Les Feuillets du Courtil, 18/19*, 243-247.

Darmagnac, D. & Larrouy, P. (2003). "Un petit tour"...dans le temps. *Les Feuillets du Courtil*, Hors série, 93-97.

Darmon, M. (2002). La musée social 1981. In Melman, C. *Étude critique du séminaire RSI de Jacques Lacan. Séminaire 1981-1982* (pp. 1-3). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Dentan, M. (2008). Robert Walser ou l'existence provisoire. In Pelletier, N & Dentan, M. *Robert Walser: Le Rien et le provisoire* (pp. 7-17). (M.Graf, trad.). Carouge-Genéve: Éditiond Zoé.

Di Ciaccia, A. (2010). De la fondation par Un à la pratique à plusieurs. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp. 41 – 48). Paris: Éditions Michèle.

Dieren, P-V., E. (1993). L'autisme serait-il une réponse à un type particulier de mélancolie parentale ? In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 49-61). Paris: Point Hors Ligne.

Druel-Salmane, G. (2008). De ce qui peut fonctionner dans l'autisme. In Bonnat, J-L. (org.). *Autisme et psychose. Machine autistique et délire machinique. Clinique différentielle des psychoses* (pp. 173-187). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Druel-Salmane, G. (2009). L'autisme infantile précoce de L. Kanner: de la clinique à la structure. In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 15-49). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Fauvel, I. (2008). L'ABC du corps. *La petite girafe, 27*, 61-63.

Fauvel, I. (2009). La beauté bottée. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autiste, son double et son objet*. (pp. 197-210). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Freud, S. (2001) Au-delà du principe du plaisir. In Freud, S. *Essais de psychanalyse*. (A. Bourguignon, J. Altounian, O. Bourguignon, A. Cherki, R. Coter, J. Laplanche, J.B. Pontalis & A. Rauzy, trads.) (pp. 47–128). Paris: Petite Bibliothèque Payot (Publié originalement 1920).

Freud, S. (2002). Lettre n 52 du 6-12-1896. In Freud, S. *La naissance de la psychanalyse* (A. Berman, trad.) (8ed, pp. 153-160). Paris: PUF (Publié originalement en1956).

Freud, S. (2006). Complément métapsychologique à la théorie du rêve. In Freud, S. *Métapsychologie* (J. P. Briand, J. P. Grossein, J. Laplanche, J. B. Pontalis & M. Tort, trads.) (pp. 123-143). Paris: Gallimard (Publié originalement en 1915a).

Freud, S. (2006). L'inconscient. In Freud, S. *Métapsychologie* (J. P. Briand, J. P. Grossein, J. Laplanche, J. B. Pontalis & M. Tort, trads.) (pp. 65-121). Paris: Gallimard (Publié originalement en 1905b).

Gerard, D. (2000). De l'objet prélevé sur l'Autre à la pratique à plusieurs. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 233-236.

Gilson, J-P. & Darmon, M. (1993). Introduction a une approche topologique de l'autisme et de la psychose infantile. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 141-153). Paris: Point Hors Ligne.

Goetz, B. (2002). *La dislocation. Architecture et philosophie*. Paris: Les Éditions de la Passion.

Graf, M. (2003). Note de la traductrice. In Walser, R. *Le territoire du crayon. Microgrammes* (pp. 378-381). Carouge-Genève : Editions Zoé.

Grasser, Y. (2010). Rebond. In Miller, J.(org). *L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort* (pp. 76-78). [s.l]: Navarin Éditeur.

Guéguen, P-G. (2010). L'objet chu dans le dessous. In Miller, J.(org). L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort (pp. 49-57). [s.l]: Navarin Éditeur.

Guilyardi, H. & Basquin, P. (1993). L'autisme. Essai de topologie structurale. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 90-106). Paris: Point Hors Ligne.

Haarscher, D. Trois lieux, trois temps, un seul traitement de l'Autre. *Les Feuillets du Courtil*, Hors série, 37-42.

Harari, R. (1999). *Les noms de Joyce. Sur une lecture de Lacan*. (G.Yankelevich & L. Yankelevich, trad). Condé-sur-Noireau : L'Harmattan.

Hody, F. (2008). Pertinence clinique de la distinction de l'autisme. *Les Feuillets du Courtil, 29*, 167-177.

Hody, F. & Vose, P. (2008). Se faire un corps. Chutes et séries. *La petite girafe, 27*, 58-60.

Hoffmann, C. (1993). Le clivage du sujet par la pulsion. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 126-140). Paris : Point Hors Ligne.

Holvoet, D. (1993). Mode d'appareillage de la jouissance dans un cas de schizophrénie. *Les Feuillets du Courtil, 7*, 59-64.

Holvoet, D. (2008). Les autismes et les conditions du lien. *Les Feuillets du Courtil, 29*, 77-93.

Izcovich, L. (2008). L'être de jouissance. *L'en-je,* 11, 35-46.

Jeanvoine, M. (2008). Introduction….à quelques questions et propositions. In Association Lacanienne Internationale. *Invention et suppléance : une clinique de la psychose ? Journées de l'ALI des 13 et 14 mai 2006* (p.11-22). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Jersusalinsky, A. (2010). Considerações preliminares a todo tratamento possível do autismo. *Psicol. Argum.*, 28 (61), 121-125.

Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem. A Psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês.* Salvador: Agalma.

Jerusalinsky, J. (2011). *A criação da criança. Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê.* Salvador: Agalma.

Julien, P. (1990). *Pour lire Jacques Lacan.* Paris: EPEL.

Kupfer, M. C. (1999). Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. In: *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas*. 4 (7), pp. 52-72.

Lacadée, P. (2009). Le corps et l'événement pubertaire sans le recours d'un discours établi. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autisme, son double et ses objets* (pp.253-268). Rennes : Presses Universitaires de Rennes.

Lacadée, P. (2010a). « Mais enfin, il y a sûrement quelque chose à leur dire ». In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp. 11-19). Paris : Éditions Michèle.

Lacadée, P. (2010b). *Robert Walser, Le Promeneur Ironique. Enseignements psychanalytiques de l'écriture d'un « roman du réel »*. Nantes : Éditions Cécile Defaut.

Lacadée, P. (2010c). Sur mesure. In Miller, J.(org). *L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort* (pp. 65-70). [s.l]: Navarin Éditeur.

Lacan, J. (1936/1999). Au-delà du « Principe de réalité ». In Lacan, J. *Écrits I.* (2d. pp.72-91) Paris: Seuil.

Lacan, J. (1938/2001). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu : essai d'analyse d'une fonction en psychologie. In Lacan, J. *Autres écrits* (pp. 23 – 84). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1946/1999). Propos sur la causalité psychique. In Lacan, J. *Écrits I* (2 ed. pp. 150-192). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1948/1999). L'agressivité en psychanalyse. In Lacan, J. *Écrits I* (2 ed. pp. 100-123). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1949/1999). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience analytique. In Lacan, J. *Écrits I*. (2 ed. pp. 92 -99). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1953-1954/1975). *Le séminaire. Livre I. Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1954-1955/1978). *Le séminaire. Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1959-1960/1986). *Le séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1960/1999). Remarque sur le rapport de Daniel Lagache : « Psychanalyse et structure de la personnalité ». In Lacan, J. *Écrits II* (2 ed. pp.124-162). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1960-1961/2001). *Le séminaire. Livre VIII. Le transfert*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1961-1962). Le séminaire. Livre IX. L'identification. Retrieved from : *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1962-1963/n.d.). *Le séminaire. Livre X. L'angoisse*.[s.l]: Michel Roussan Publisher.

Lacan, J. (1964/1977). *Le séminaire. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Lacan. (1964-1965). Le séminaire. Problèmes cruciaux pour la psychanalyse. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1967a). Conférence sur la psychanalyse et la formation du psychiatre à Ste-Anne. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1967b). Discours de clôture des journées sur les psychoses. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net.*

Lacan, J. (1967/2001). Allocution sur les psychoses de l'enfant. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp. 361-371). Paris, Seuil.

Lacan, J. (1968-1969/2006). *Le séminaire. Livre XVI. D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1969). Deux notes à J. Aubry. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1969/2001). Note sur l'enfant. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp. 373-374). Paris, Seuil.

Lacan, J. (1970/2001). Radiophonie. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp. 403-447). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1971/2006). *Le séminaire. Livre XVIII. D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1971-1972). *Le séminaire. ...Ou pire*. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1972/2001). L'étourdit. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp.449-495). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1972-1973/1999). *Le séminaire. Livre XX. Encore*. Paris : Seuil.

Lacan, J. (1974). La troisième. Conférence dans le 7eme Congrès de l'École freudienne de Paris à Rome. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1974-1975). *Le séminaire. RSI*. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1975a). Conférence à Genève sur le symptôme. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net.*

Lacan, J. (1975b). « Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines – Columbia University Auditorium School of International Affairs ». Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net.*

Lacan, J. (1975c). Conférences dans les universités nord-américaines: le 2 décembre 1975 au Massachussetts Institute of Technology. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1975d/2005). Joyce le symptôme. In Lacan, J. *Le séminaire. Livre XXIII. Le sinthome* (1975-1976) (pp. 161-169). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1975-1976/2005). *Le séminaire. Livre XXIII. Le sinthome*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1977-1978). Le séminaire. Le moment de conclure. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacet, C. (2004). *A escrita na clínica das psicoses*. Dissertação de Mestrado (Mémoire de Master), Instituto de Psicologia / Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lacet, C. (2003). Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. *Estilos da Clínica,* 8(14), 50-59.

Latour, M-J. (2006). Ce que le sujet a de plus ch(a)ir. *Revue des Collèges cliniques du Champ Lacanien, 5*, 59-65.

Laurent, E. (2007). Autisme et psychose : poursuite d'un dialogue avec Robert et Rosine Lefort. *La cause freudienne,* 66, 105-118.

Laurent, E. (2010). Le trait de l'autiste. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (p. 219-222). Paris: Éditions Michèle. (Publié originalement en 2002).

Laurent, E. (2010). Les futurs des spectres de l'autisme. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp. 223-236). Paris : Éditions Michèle.

Laurent, E. (2011). Les spectres de l'autisme. *La Cause freudienne,78*, 53-63.

Laznik, M-C. (1992/2004). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional – Quando a alienação faz falta. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 49-68). Salvador: Ágalma.

Laznik-Penot, M-C. (1993). Du ratage de la mise en place de l'image du corps au ratage de la mise en place du circuit pulsionnel. Quand l'aliénation fait défaut. In Fondation Européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 107-125). Paris: Point Hors Ligne.

Laznik, M-C. (1993/2004). Por uma teoria lacaniana das pulsões. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 88-106). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (1995/2003). *Vers la parole. Trois enfants autistes en psychanalyse*. Paris : Denoël.

Laznik, M-C. (1995/2004). Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança. In Laznik, M-C *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. (pp. 36-48). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (1996/2004). Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística? In Laznik, M-C *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 21-35). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2000a/2004). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 69-87). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2000b/2004). Entre estereotipia e linguagem. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp.132-152). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2002/2004). Risco de autismo em bebês. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 36-48). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2007a). Du pourquoi du langage stéréotypé. In Touati, B., Joly, F. & Laznik, M-C. *Langage, voix et parole dans l'autisme* (pp. 39-59). Paris: PUF.

Laznik, M-C. (2007b). Godente ma non troppo: le minimum de jouissance de l'Autre nécessaire à la constitution du sujet. In Association Lacanienne Internationale. *Cahiers de l'Association lacanienne internationale. Journées de l'ALI des 10, 11 er 12 mars 2006* (pp. 13-27). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Laznik, M-C. (2007c). La prosodie avec les bébés à risque d'autisme: clinique et recherche. In Touati, B., Joly, F., & Laznik, M-C. *Langage, voix et parole dans l'autisme* (pp. 181- 215). Paris: PUF.

Le Gauffey, G. (1997). *Le lasso spéculaire. Une étude traversière de l'unité imaginaire*. Paris: EPEL.

Le Rhun, L. (2009). La communication facilitée : quels enjeux dans la clinique de l'autisme. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autiste, son double et son objet* (pp. 115-125). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Lecoeur, B. (2006). Les appuis corporels de la lettre. *La Cause Freudienne, 67*, 191-198.

Lefort, R. & Lefort, R. (1988). *Les structures de la psychose, L'enfant au loup et le président*. Paris: Éditions du Seuil.

Lemaire, J-C & Teboul, R. (1993). Une double catastrophe. In Fondation Européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique*. (pp. 29-48). Paris: Point Hors Ligne.

Maleval, J-C. (2000). *La forclusion du Nom-du-Père. Le concept et sa clinique*. Paris : Éditions du Seuil.

Maleval, J-C. (2003). De l'objet autistique à la machine. Les suppléances du signe. In Hulak, F. (org.). *Pensée psychotique et création de systèmes. La machine mise à nu* (pp.197-217). Ramonville Saint – Agne: Éditions Érès.

Maleval, J-C. (2007). « Plutôt verbeux » les autistes. *La cause freudienne, 66*, 127-140.

Maleval, J-C. (2008a). Histoire d'une mutation dans l'appréhension de l'autisme. In Bonnat, J-L. (org.). *Autisme et psychose. Machine autistique et délire machinique. Clinique différentielle des psychoses* (pp. 59-85). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2008b). Quel traitement pour le sujet autiste ? *Les Feuillets du Courtil, 29*, 29-76.

Maleval, J-C. (2009a). Introduction. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autisme, son double et ses objets* (pp. 9-12). Rennes : Presses Universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2009b). *L'autiste et sa voix.* Paris: Éditions du Seuil.

Maleval, J-C. (2009c). Les objets autistiques complexes sont-ils nocifs? In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 161-189). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2010a). « Comment entendre la voix ? ». In Jodeau-Belle, L & Ottavi, L. (orgs). *Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne. Repères épistémologiques, conceptuels et cliniques* (pp. 185-197). Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2010b). Quelqu'un qui puisse lâcher prise. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp.237-259). Paris: Éditions Michele.

Maleval, J-C. (2011). Langue verbeuse, langue factuelle et phrases spontanées chez l'autiste. *La cause freudienne, 78*, 77-92.

Masagão, A. M. (2007). *A impressão da marca e a rasura do traço na escrita das margens*. Thèse de doctorat. Instituto de Psicologia. Université de São Paulo, São Paulo.

Matorin, S. & Lejuste, P. (2003). Un autre Autre temps institucionnel. *Les Feuillets du Courtil,* hors série, 79-82.

Mautine, D. (2009). La satisfaction et le « corps parlant ». *Champ lacanien. Revue de psychanalyse*,7, 149-156.

Melman, C. (2007). *D'un Autre à l'autre, deuxième tour…sur le séminaire 1968-1969 de Jacques Lacan. Séminaire d'hiver des 27 et 29 janvier 2007*. Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Melman, C. (2002). *Étude critique du séminaire RSI de Jacques Lacan. Séminaire 1981-1982*. Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Melman, C. (2005). Préface. In Berges, J. *Le corps dans la neurologie et dans la psychanalyse : leçons cliniques d'un psychanalyste d'enfants* (pp.13-14). Ramonville Saint-Agne: Érès.

Miller, J-A. (2007). L'envers de Lacan. *La Cause Freudienne, 67*, 133-140.

Miller, J-A. (1986-1987/n.d.) *Séminaire Ce qui fait insigne*.

Morlang, W. (2004). Magie du camouflage micrographique. In Walser, R. *L'écriture miniature* (pp. 13-26).Carouge-Genève: Édition Zoé.

Normand, M. (2003). Les véhicules du sujet. In Hulak, F. (org.). *Pensée psychotique et création de systèmes. La machine mise à nu*. (pp.231-245). Ramonville Saint – Agne : Éditions Eres.

Oury, J. (1989). *Création et schizophrénie*. Paris: Éditions Galilée.

Pelletier, N. (2008). Histoires de Robert Walser. In Pelletier, N. & Dentan, M. *Robert Walser : Le Rien et le provisoire* (M. Graf, trad.) (pp.19-40). Carouge-Genéve: Éditiond Zoé.

Perrin, M. (2008). Des objets et des liens. « Bavardage » avec un petit lion dans le miroir. *La petite girafe*, 27, 64-66.

Perrin, M. (2009). Construction d'une dynamique autistique de l'autogire à la machine à laver. In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 69-100). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Perrin, M. (2010). L'autisme : spécificités structurales. L'avant-gardisme lacanien sur l'autisme et ses enseignements. In Jodeau-Belle, L & Ottavi, L. (orgs.). *Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne. Repères épistémologiques, conceptuels et cliniques* (pp. 337-356). Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Perrin, M. (2011). L'autiste a-t-il quelque chose à dire ? Transfert autistique et conduite du traitement. *La Cause freudienne*, 78, 93-102.

Porge, E. (2010). *Lettres du symptôme. Versions de l'identification*. Toulouse: Éditions Èrès.

Porge, E. (2005). *Transmettre la clinique psychanalytique. Freud, Lacan, Aujourd'hui*. Toulouse: Éditions Èrès.

Quilichini, J. (2008). Consistance (s). In Association Lacanienne Internationale. *Invention et suppléance : une clinique de la psychose ? Journées de l'ALI des 13 et 14 mai 2006* (pp.37-41). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Quinet, A. (1999). A Psicopatologia da Esquizofrenia: Bleuler com Freud e Lacan. In

Alberti, S. (org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquize* (pp.79-107). Rio de Janeiro: Marca d'Água.

Quinet, A. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Quinet, A. *Teoria e Clínica da Psicose* (2ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Rabinovitch, S. (2000). *La Forclusion : enfermés dehors*. Ramonville Saint-Agne: Érès.

Roy, D. (2010). « Il avait quand même deux mots ». In Miller, J. (org). L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort (pp. 18-25). [s.l]: Navarin Éditeur.

Roy, D. (2003). La dé-mesure du temps. *Les Feuillets du Courtil,* Hors série, 59-63.

Roussan, M. (n.d.). Annexe. Séminaire In : Lacan, J. *Le séminaire. Livre X. L'angoisse, 1962-1963*. [s.l.]: Michel Roussan Publisher.

Sciara, L. (2008). Qu'appelons-nous suppléance? In Association Lacanienne Internationale. *Invention et suppléance : une clinique de la psychose ? Journées de l'ALI des 13 et 14 mai 2006* (pp.23-35). Paris : Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Siksou, J. (1993). Discussion de l'exposé « L'autisme serait-il une réponse à un type particulier de mélancolie parentale ? » In Fondation européene pour la psychanalyse.

La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique (pp. 61-72). Paris: Point Hors Ligne.

Simonett, C. (2008). L'enfant au micro. *Les Feuillets du Courtil, 29*, 139-149.

Solano-Suárez, E. (2010). Rebond. In Miller, J.(org). *L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort* (pp. 26-30). [s.l]: Navarin Éditeur.

Soler, C. (2005). Du diagnostic. *Revue des Collèges cliniques du Champ Lacanien*, 4, 105-124.

Soler, C. (2008). Du parlêtre. *L'en-je,* 11, 25-33.

Soler, C. (1993). *Estudios sobre las psicosis*. Buenos Aires: Manantial.

Soler, C. (1999). Hors discours: autisme et paranoïa. *Les Feuillets du Courtil*, 2, 9-24.

Soler, C. (2004). *L'aventure littéraire ou la psychose inspirée. Rousseau, Joyce, Pessoa.* Paris: Editions du Champ Lacanien - Trefle communication.

Soler, C. (2002). *L'inconscient à ciel ouvert de la psychose*. Toulouse: Psychanalyse & Presses Universitaires du Mirail.

Stavy,Y-C. (2003). Trois états du signifiant. *Les Feuillets du Courtil,* Hors série*,* 31-36.

Stevens, A. (2008). Aux limites du lien social, les autismes. *Les Feuillets du Courtil,* 29, 9-28.

Stevens, A. (2009). Clinique de la lettre. *Quarto n. 92*, 2009, 6-10.

Stevens, A. (1999). Deux destins pour le sujet : identifications dans la névrose et pétrification dans la psychose. *Les Feuillets du Courtil*, 2, 24-39.

Stevens, A. (1997). Le renouvellement de la clinique par Lacan. *Les feuillets du Courtil*, 14, 9-19.

Stevens, A. (2000). Points d'ancrage sans le père. *Les feuillets du Courtil,*18/19, 33-37.

Suarez, E. S. (2008). Les effets d'une présence orientée. *La petite girafe, 27*, 8-12.

Tammet. D. (2010). *Je suis né un jour bleu. À l'intérieur du cerveau extraordinaire d'un savant autiste* (N.C.Ahl, trad.). Paris: Éditions J'ai lu, 2010.

Utz, P. (2004). Avant-Propos. In Walser, R. *L'écriture miniature* (pp. 5-11). (M.Graf, trad.). Carouge-Genève: Édition Zoé.

Utz, P. (2003). Mystère et singulier bonheur des microgrammes. In Walzer, R. *Le territoire du crayon. Microgrammes* (M.Graf, trad.) (pp. 361-377). Carouge-Genève: Editions Zoé.

Utz, P. (2001). *Robert Walser : Danser dans les marges* (C.Kowalski, trad.). Genève: Éditions Zoé.

Vanier, A. (2009). À propos de l'objet a. *Figures de la psychanalyse,* 18, 39- 48.

Vanier, A. (1999). Breves apontamentos sobre o autismo. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas,* 4(7),73-77.

Vanier, A. (2006). *Lacan.* Paris: Société d'édition les Belles Lettres.

Vanier, A. (2001). Questions de symptôme. *Évol. Psychiatr*, 66, 236-271.

Vorcaro, A. M. R. (1999) Transferência e interpretação na clínica com crianças autistas e psicóticas. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas*, 4(7), 52-72.

Wajntal, M. (2004). *Uma clínica da construção do corpo*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria.

Walser, R. (2004). *L'écriture miniature*. (M.Graf, trad.). Carouge-Genève: Édition Zoé.

Walser, R. (1987). *La promenade*. (B. Lotholary, trad.). Mesnil-sur-l'Estrée: Gallimard. (Publié originalement en 1967).

Walser, R (2003). *Le territoire du crayon. Microgrammes* (M.Graf, trad.). Carouge-Genève: Editions Zoé.